

O USO CONVENCIONAL E NÃO CONVENCIONAL DA VÍRGULA EM DADOS DE ESCRITA INICIAL

JAQUELINE COSTA RODRIGUES¹; ISABEL DE FREITAS VIEIRA²; LISSA PACHALSKI³; ANA RUTH MORESCO MIRANDA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – *jc_rodrigues@ymail.com*

²Universidade Federal de Pelotas – *isabelvieir@hotmail.com*

³Universidade Federal de Pelotas – *pachalskil@gmail.com*

⁴Universidade Federal de Pelotas – *anaruthmmiranda@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A pontuação é tópico de gramáticas, de livros didáticos e dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa e o tratamento desse tema pode seguir diferentes abordagens: fonológicas, sintáticas e/ou pragmáticas, entre outras. No que se refere à vírgula, elemento que será enfatizado neste estudo, há maior diversidade no tipo de orientação para utilizações obrigatórias e opcionais e também para a explicitação dos motivos por que alguns usos são proibidos. Do ponto de vista do ensino deste recurso coesivo, não é precipitado afirmar que pouco material tem sido produzido. Não raro, nos livros didáticos, abordam-se os diferentes sinais de pontuação, mas não aparece menção à vírgula (FERRONATO; SILVA, 2011, CAVÉQUIA, 2011) ou então a referência que se faz a ela diz respeito apenas à sua utilização como recurso para as enumerações que forem feitas nos textos (MIRANDA; RODRIGUES, 2012, LOPES; NEVES, 2011). Tendo em vista a pertinência do tema e a fim de contribuir para a compreensão da relação entre a norma e as intuições linguísticas por trás dos usos que as crianças das séries iniciais fazem desse marcador, este estudo pretende analisar a ocorrência da vírgula em textos de alunos de 3ª e 4ª série do Ensino Fundamental, a partir dos critérios normativos definidos por Luft (1997).

Um levantamento feito a respeito da norma que regula o uso da vírgula e de qualquer outra pontuação em língua portuguesa mostra que, de forma geral, o marco regulatório tem base na sintaxe. O exame detalhado, no entanto, mostra que há uma pluralidade de regras que ora se contradizem ora se corroboram. Por isso a opção por apenas um autor que, embora não preveja todas as possibilidades de uso da vírgula, oferece subsídio teórico para a análise dos dados a que este trabalho se dispõe.

Apesar de, neste estudo, adotar-se um ponto de vista ancorado na sintaxe é importante ressaltar a importância de uma abordagem fonológica, a partir dos constituintes prosódicos do português¹ (BISOL, 2001). Estudos com orientação prosódica mostram que é ela quem parece nortear a utilização da vírgula pelas crianças dos anos iniciais, pois sua utilização ocorre, preferencialmente, em fronteiras de frases entonacionais e também para circunscrever estruturas

¹ A Teoria Prosódica de Nespor e Vogel (1986) define os constituintes prosódicos como sendo integrantes de uma Hierarquia Prosódica. No nível mais básico está a sílaba e no mais alto o enunciado. Para os estudos mencionados, cabe mencionar os dois constituintes mais altos: a frase entonacional e o enunciado. O primeiro é formado a partir das noções de que “[...] é o âmbito de um contorno de entonação e de que os finais das frases entonacionais coincidem com as posições em que se podem introduzir pausas em uma oração” (NESPOR; VOGEL, 1986) e quanto ao segundo, o enunciado, “[...] sua identificação é feita através dos limites sintáticos e da pausa. Porém, deve-se ressaltar que nem sempre U tem o mesmo tamanho do constituinte sintático.” (CUNHA, 2004)

correspondentes a enunciados, conforme já apontado em estudos como os de Tenani; Soncin (2010) e Rodrigues et al. (2014), segundo os quais é possível verificar que as crianças utilizam a vírgula não aleatoriamente, mas seguindo sua intuição prosódica.

2. METODOLOGIA

Neste trabalho realiza-se uma análise quantitativa de 80 textos de crianças em fase de aquisição da escrita. Estes textos compõem o 1º estrato do Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE) do Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE)- FaE/UFPel e referem-se a narrativas produzidas de forma espontânea pelas crianças em suas salas de aula.

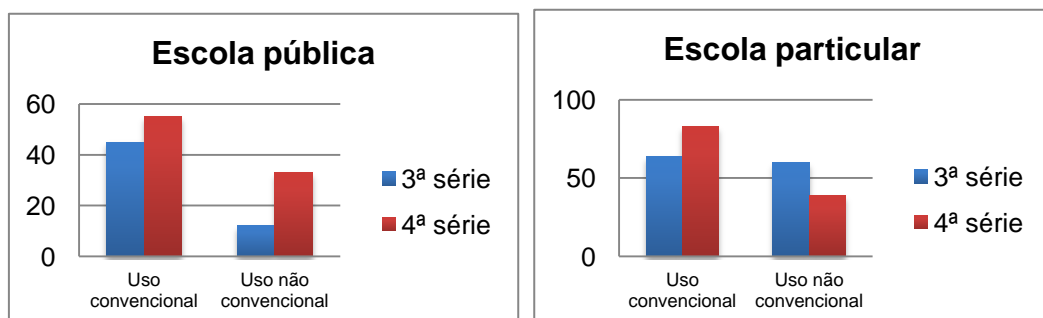
A coleta dos textos da amostra ocorreu nos anos de 2001 e 2002 a partir de oficinas de escrita espontânea aplicadas por bolsistas do Grupo à época. Eles foram produzidos por crianças de 3ª e 4ª série do ensino fundamental de duas escolas da cidade de Pelotas, uma pública e outra particular. A variável tipo de escola tem se mostrado relevante em estudos já realizados pelo GEALE e a definição das séries levou em conta o fato de haver orientações explícitas nos PCNs da Língua Portuguesa (1997) para o ensino da vírgula no segundo ciclo de alfabetização que abrange essas etapas de ensino.

O tratamento dos textos da amostra se deu a partir da digitação em *Word*, conforme a grafia das crianças, digitalização e armazenamento em formato *JPEG*. Para a análise dos dados deste trabalho foram levantados todos os usos de vírgulas nos textos das crianças. Posteriormente os dados foram classificados, em planilhas de *Excel*, a partir de duas grandes categorias: uso convencional e uso não convencional, tendo por referência de convenção as normas determinadas por Luft (1997).

Os critérios utilizados neste estudo para a classificação dos dados de uso da vírgula pelas crianças, conforme a proposta de Luft (1997), são os seguintes: 1) usos convencionais - listagem; antes de oração coordenada; elemento deslocado; elemento encaixado; depois de oração adverbial; antes de oração adverbial e antes de etc. e 2) usos não convencionais - no lugar de outra pontuação; no lugar da conjunção “e”; antes da conjunção “e”; depois da conjunção “e”; entre sujeito e predicado; entre verbo e objeto; antes de oração adjetiva restritiva; antes de enunciado causal e entre o determinante e o sujeito.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A distribuição dos usos verificados, tendo-se em conta as variáveis tipo de escola, série e tipo de uso da vírgula, pode ser observada nas Tabelas apresentadas a seguir:



Tabelas 1 e 2 - Distribuição dos usos da vírgula

Na amostra obtida, a partir do levantamento dos usos das vírgulas pelas crianças em seus textos espontâneos, verificou-se a prevalência de usos convencionais da vírgula em detrimento dos usos não convencionais em ambas as escolas e nas duas séries analisadas.

Comparando-se as duas Tabelas apresentadas é possível observar que na escola particular houve maior emprego de vírgulas tanto em contextos convencionais quanto não convencionais e que, em ambas, houve uma tendência de aumentar a quantidade de usos convencionais na 4ª série, se comparada à 3ª. Esperava-se que o inverso ocorresse quanto aos usos não convencionais, ou seja, que eles diminuíssem na 4ª série, mas isso ocorreu apenas na escola particular. Uma possibilidade de interpretação para esse dado é que os alunos da escola pública tenham menor contato com materiais letrados e por isso maior dificuldade na apreensão das regras que orientam o uso da vírgula, por exemplo. Vale ressaltar que as diferenças observadas entre os tipos de escola já foram constatadas em diversos estudos que enfatizam a ortografia (MIRANDA, 2005), a acentuação (NEY, 2012) e a segmentação (CUNHA, 2004), se mostrando recorrentes nas investigações do GEALE.

No que tange aos usos convencionais, o dado mais expressivo refere-se ao uso da vírgula como recurso para listar elementos em uma narrativa. Vale ressaltar que nos PCNs de Língua Portuguesa (1997) há uma orientação para que as crianças do II Ciclo de alfabetização introduzam progressivamente “a indicação, por meio de vírgulas, das listas e enumerações” (p. 74) que houver no texto. Possivelmente as crianças tenham acesso a essa instrução através dos seus professores e por isso tenham a aplicado sobremaneira em suas escritas.

Um dado bastante recorrente na amostra diz respeito à utilização da conjunção “e” para a formação de orações coordenadas sindéticas aditivas, em sentenças nas quais poderia se formar orações coordenadas assindéticas com a utilização da vírgula em vez da conjunção. Por vezes a criança além da conjunção grafou a vírgula, parece que em uma tentativa de enfatizar a sequenciação de fatos ou acontecimentos da narrativa. O trecho: “Quando ceigo abriu a porta e se deitou na cama da vovó e dormiu quando chapéuzinho chegou ela levou um susto, e o lobo acordou e disse: [...]” (Texto 9-escola privada, 3ª série) exemplifica esse tipo de dado.

Quanto aos usos não convencionais, ressalta-se o emprego na vírgula no lugar de outro sinal de pontuação, sendo este geralmente o ponto final. Na escola pública tal uso apareceu em 33,33% dos dados considerados não convencionais e na escola privada em 58,58%. Neste caso, a criança, possivelmente pelo trânsito em práticas de leitura e de escrita, sabe que estes contextos exigem algum tipo de pontuação e o que aparece em sua memória gráfica é a vírgula, por isso a grafa. Esse tipo de confusão pode ocorrer também pela não clareza quanto ao uso da vírgula e a não diferenciação deste sinal do ponto final, por exemplo.

No corpus analisado há um uso peculiar da vírgula que se repetiu em alguns textos, em estruturas como: “Era uma vez, [...]”. Neste caso, infere-se que a criança está utilizando como referencial o ritmo da fala e está grafando a vírgula onde, neste sistema, produziria uma pausa. Pode-se dizer que ela está delimitando uma fronteira de frase entonacional, de modo condizente com o funcionamento prosódico da língua. Esse dado revela a pertinência de uma interlocução entre a prosódia e a

sintaxe para melhor compreensão da intuição linguística a que o escrevente recorre ao escrever.

4. CONCLUSÕES

Este estudo possibilitou uma análise e um exercício de interpretação para os usos que as crianças fazem da vírgula, tendo por parâmetro a convenção. Observou-se que as crianças tanto da escola pública quanto da particular seguem tendências comuns ao grafarem a vírgula de modo convencional e não convencional. Essas tendências, ainda que espontâneas, são amparadas por critérios sintáticos e/ou prosódicos, a partir do conhecimento linguístico que elas têm internalizado. Sendo este um estudo em andamento, pretende-se aprofundá-lo a fim de se verificar as relações entre a sintaxe e a prosódia, no que tange ao uso da vírgula por parte de crianças em fase de aquisição da escrita.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, L. Os Constituintes Prosódicos. In: BISOL, Leda (Org.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, Cap. 6, p. 229-241.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.
- CAVÉQUIA, Marcia Paganini. **A escola é nossa: língua portuguesa**, 4º ano. São Paulo: Scipione, 2011.
- CUNHA, A. P. N. da. **A hipo e a hipersegmentação nos dados de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Pós-Graduação em Educação, UFPEL.
- FERRONATO, V. L.; SILVA, C. C. S. **A aventura do saber: língua portuguesa**, 4º ano. São Paulo: Leya, 2011.
- LUFT, C. P. **A vírgula: considerações sobre seu ensino e o seu emprego**. São Paulo: Ática, 1997.
- MIRANDA, A.R.M. et al. **O Sistema Ortográfico do Português Brasileiro e sua Aquisição**. *Linguagem e Cidadania*. Revista Eletrônica, UFSM. jul/dez; edição 14, 2005.
- MIRANDA, C; RODRIGUES, V. L. **Aprendendo sempre: língua portuguesa**, 4º ano. São Paulo: Ática, 2008.
- NESPOR, M; VOGEL, I. **La prosodia**. Madrid: Visor Distribuciones, S.A., 1994 [1986].
- NEVES, A. A. A.; LOPES, A. de S. C. **Língua portuguesa**, 4º ano. São Paulo: Escala Educacional, 2011.
- NEY, L. A. G. **Acentuação gráfica na escrita de crianças de séries iniciais**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Curso de Pós-Graduação em Educação, UFPEL.
- RODRIGUES, J. C.; VIEIRA, I. F.; PACHALSKI, L.; MIRANDA, A. R. M. **O uso da vírgula por crianças em fase de aquisição da escrita**. In: XXIII Congresso de Iniciação Científica da UFPEL, Pelotas, 2014. Letras e Artes. Disponível em: <http://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2014/LA_03332.pdf>
- TENANI, L.E. ; SONCIN, G. C. N. **O emprego de vírgulas: evidências de relações entre enunciados falados e escritos**. *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas*. Universidade de Évora, 2009.